

A L A G R I O A

QUINZENARIO ILLUSTRADO

THEATRO GIL VICENTE

Exm.^o sr. Antonio José de Lima: Não ha muito, formulára um homem, que não é architecto e muito menos engenheiro, o sr. Ramalho Ortigão, a seguinte pergunta:

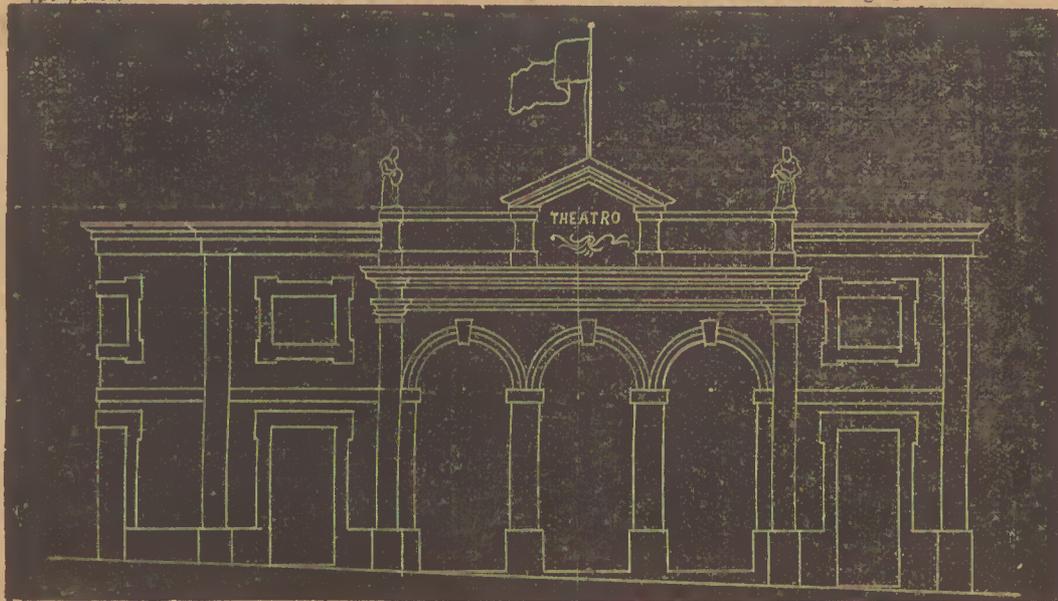
«De todas as artes cuja falta se faz sentir na civilisação moderna, qual é aquella cuja falta se faz sentir menos?»

Resposta:

Os typos de construcções antigas, repare s. ex.^a, como o da frontaria do theatro Gil Vicente —pelintramento desafinada do elinfrinismo restante do edificio—estão de ha muito banidos, e não ser que sejam de leve architectura, bem estudada, com caracter, sobretudo, que indique o fim a que é destinada, sem ser preciso advinhar.

Os theatros modernos obedecem a certos principios de decoraçào e bom gosto, mais familiar a um architecto do que a um engenheiro.

Precisam de aberturas largas, mais ou menos



«a da architectura que se ensina nas escolas.»

E como se isto não bastasse, para nosso reforço... acrescenta o illustre escriptor:

«E' indubitavel que a era dos antigos edificios monumentaes, construidos de pedra, acabou definitivamente. A moderna philosophia social, os costumes novos, os novos ideaes, a nova comprehensão do nosso destino na sociedade e na familia, reflectindo-se na arte de construir, levam-nos a edificar dentro d'estas duas condiçõess essenciaes: «Depressa e barato». As materias primas da architectura contemporanea são fundamentalmente o ferro, os cimentos artificiaes, as pastas, o barro o o vidro. A edadé da pedra lavrada findou na architectura monumental.»

ornamentadas, conforme os recursos de que se disponha, formando um conjuncto harmonico, leve e bem proporcionado.

Para haver harmonia, entre o corpo central e os lateraes do theatro G. Vicente, era necessario introduzir, n'aquelle, claros d'alvenaria em lugar de cantaria, offerecendõ muitas soluções para esse effeito.

Para se dizer isto não é precisa a auctoridade de diplomas—que costumam dar, muitas vezes, a presumpção e poucas a certeza da competencia...

E, sobre competencia—pedestal em cima do qual v. ex.^a se expõe ufano a contemplativa da «corja de brutos de Barcellos...» (ajuda bem

que o collega da «Folha» não é de cá...) sempre lhe diremos que a approvação do seu trabalho pela Camara Municipal foi obtida pela interferencia d'un *padrinho*, porque a relutancia dos camaristas subiu a ponto que furia ir para o cesto dos papeis... uteis o producto glorioso do seu cerebro.

Foi approvedo o seu projecto, exm.^o sr., e pôde, mais uma vez, no «Commercio», ufanar-se do *exito* que obteve, mas á condição de esquecer que alguns vereadores para se não verem obrigados a sancionar o projecto, resolveram, por bem, não comparecer á sessão.

Isto prova-se *officialmente*...

E como se não bastasse, a castigar o seu natural orgulho de diplomado, tanta *ironia*, ainda, como tiro de misericórdia, veio a imposição da exm.^a Camara obrigar-o a alterar as portas do seu theatro!...

V. ex.^a, sr. engenheiro, sabe que a architectura aprendida nas escolas dá sciencia, mas nem sempre dá gosto...

Da influencia esthetica do theatro G. Vicente influindo pesadamente na retina de *quasi todos* os barcellenses, é que nasceu esta questão.

Nós, exm.^o sr., não sacrificavamos a nossa amizade pessoal como os collegas da «Folha» e do «Commercio», para não condemnar uma obra que fica ali perpetuada para as gerações futuras.

Ainda bem que estamos «escaldados pela agua quente da *amizade* que esses jornalistas mantêm com v. ex.^a, e temos medo da agua fria das suas bajulações.»

Exm.^o sr.: o que mais preocupou no theatro não foi o conseguimento de circulações facéis, tanto em corredores como em saídas, nem o evitamento de cantos e esconderijos, nem tornar suaves as escadas, e largos os palamares para descanso.

Querem saber os srs. accionistas e o publico qual foi o seu maior cuidado, o *inimigo*?

Ter de cingir o trabalho a 5:000\$000 reis!..

E foi ali, no entanto, que s. ex.^a claudicou. Foi ali, porque sendo a economia o seu lemma, s. ex.^a sahio do trilho e espraçou-se demasiadamente pelos dominios da pedra lavrada, em que fez para o theatro Gil Vicente uma frontaria que custa quasi, ella só, tanto como o restante do edificio! E com a aggravante de ser em um amontoado inartico de pedra e não em rendilhados e architectura trabalhosa que s. ex.^a desperdiçou tanto do dinheiro que queria poupar!

E já que s. ex.^a, o sr. engenheiro Lima, quer á viva força algarismos, vamos satisfazel-o, com uns pequenos calculos sobre o que deveriam custar as paredes do theatro G. Vicente, se na sua construcção se empregasse o tijolo, o tal barro de que um collega nos fallou acriamen-

te, cuidando que se tratava de *arreglos* articuisticos a respeito do *bicho da seda*... Mas olhe bem, sr. engenheiro Lima, que somos tão complacentes que até nos vamos servir de algarismos que s. ex.^a nos fornece no seu (?) artigo de defeza (?).

As paredes do futuro theatro têm approximadamente 872,31 metros quadrados, que ao preço de 1:500 reis, o tal numero de s. ex.^a, dá para ensto uma somma de 1:308\$465; e em alvenaria e cantaria, conforme a meeção da planta e preços do empreiteiro arrematante, esta mesma somma eleva-se a 1:406\$372 embora, no caderno de encargos, figure apenas com a cifra de 1:392\$498 reis.

Agora uma affirmação que levaremos á pratica se fôrmos convidados a isso. Dentro do pessoal que redige a «Lagrima» ha quem se comprometta a fornecer ao sr. engenheiro Lima, á Empreza Constructora do theatro, ou a quem quer que seja, tijolo de bom barro, de fabrico esmerado e com as dimensões de 0^m,30 x 0^m,14 x 0^m,08 á razão de 707 reis o metro quadrado de parede de 0^m,3, e n'este preço está já incluído o transporte até junto da obra em construcção!

Este tijolo é fabricado no concelho de Barcellos, onde ha muitas olarias, exm.^o sr., e com o seu preço baixariam o custo das paredes do theatro G. Vicente para 876:671 reis, havendo, portanto, uma redução, comparativamente á pedra, de 539:301 e para com o custo do tijolo, estebelecido por s. ex.^a, de 431:794 réis!

E não cuide s. ex.^a, o sr. engenheiro Lima, que propomos isto ignorando o assumpto; entre o pessoal da «Lagrima», ha quem já tenha feito como industrial muitos milheiros de tijolos, e tambem quem, fazendo parte da direcção technica de uma empreza, os mandou fazer sob sua inspecção immediata.

Agora, saltando abruptamente da pedra e do o tijolo vamos adejar por sobre as tenuidades do ferro, que se torce em espiraes, em volutas, em curvas capriciosas e phantasticas, sob o impulso magico do martello e da plasticidade que o seio ardente da forja lhe communica.

Se s. ex.^a tivesse feito para o seu projecto uma cobertura de ferro, sustentada por um vigaamento leve, gracioso, bem lançado, com artozes finos, teria s. ex.^a poupado todo aquelle dispendio de estuque do tecto, e deixando de sobrearregar as paredes com o pezo enorme d'aquelle vigaamento que se vê na planta; e mais e melhor, teria dado com isso maior cubagem de ar á sala, o que por certo os espectadores lhe agradeceriam.

Um tecto n'estas condições prestava-se a uma ornamentação facil sob todos os pontos de vista, esthetico e economico.

E ali temos, em Lisboa, o Colyseu dos Re-

ereios, que é, n'este genero, e que, entretanto, reune as condições de acustica, solidez, elegancia e frescura que se deseja.

No que diz respeito ao custo da cobertura n'este genero, tambem, com a mesma facilidade com que lhe apresentámos os calculos do tijolo fal-o-hemos com o ferro e seu fabrico.

Tenha paciencia, exm.^o sr., v. ex.^a saiu fóra da sua especialidade, e fez um theatro *Pepino* — «para baile de mascaras». Se o encarregassem da installação de uma casa de machinas e bombas para abastecimento d'agua n'uma propriedade, teriamos o gosto de lhe louvar a proficiencia, porque então, o sr. engenheiro Lima estaria no seu elemento—machinas e bombas—mas assim, perdoe nos a franqueza, s. ex.^a metteu-se em uma camisa de onze varas... e meia.

...E até se diz que v. ex.^a repartiu a meia com um anonymo e n'isso foi prodigo, pois que apenas deixou para si a *rubrica* que figura na planta...

1.^o—Que s. ex.^a saiu, repetimos, fóra da sua especialidade. Principia por ignorar os regulamentos da policia, deixa as portas do theatro a abrirem para dentro, quando, por meio de dobradiças especiais, podiam abrir indistinctamente para um e outro lado.

2.^o—Que o seu projecto tem n'uma das esca-das principaes um leque, que não o admittiria um mestre aldeão, porque é um attentado á vida dos frequentadores do theatro.

3.^o—Que, segundo se expressa o sr. engenheiro Lima: «quem lhe encomendou o projecto por uma exigua quantia não se lembrava que projectasse um theatro cuja fachada fosse uma eschola de architectura, como nós desejamos».

4.^o—Que está enganado, porque a Empreza desejava simplesmente, assim como o publico, uma fachada como aquella de que damos *croquis*, devida ao lapis de um dos nossos mais notaveis architectos—muito mais barata, muito mais elegante, mais *afinada* para um theatro e custando muitissimo menos dinheiro...

(Isto a não ser, o theatro, de tijolo...)

5.^o—Que criticamos o trabalho quando o publico se manifestou, e mesmo «porque a critica não depende do tempo e do espaço», como dizemos em outro logar.

6.^o—Que não maldissemos da ventilação do theatro, como os nossos leitores viram no ultimo n.^o da «Lagrima». Demais é sabido, segundo Lavoisier, Seguin e Bouchardat, que o homem consome em 24 horas 755 litros de oxigenio puro e que para se obter esta quantidade precisa gastar 3,5 metros cubicos d'ar atmosferico. Segundo Laplace, Edwards, Dulong, Despretz e Dumas, o ar que se respira, gaz acido carbonico, vae alterar o oxigenio contido n'um recinto, e como se não póle gastar até ao fim, devido

á sua sensivel alteração pelo carbone, é necessario que a capacidade seja quadrupla da necessaria a um tempo dado e por pessoa, e para isto é preciso contar com o que a illuminação gasta d'oxigenio. ...E o sr. Lima poderá exigir-nos a applicação d'esta theoria ao seu trabalho... E' dos livros.

7.^o—Que, segundo o dizer de s. ex.^a, «prezamos tanto o nosso nome que, para o não gastar pelo uso, deixamos de apresental-o. E' certo: somos cioso d'elle a esse ponto; pode socegar porém, s. ex.^a, o sr. engenheiro Lima;—a nossa questão é de *factos*, de *argumentos*, não é de *nomes*. Em todo o caso, vá notando que não *assignamos de cruz*; tambem somos cioso n'esse ponto. E ainda a respeito de *assignar de cruz*, fazemos só uma excepção:—é quando a doenca nos acomete. Ah! sim. Chamamos immediatamente o medico e... subscrevemos a tudo. Se a vida é tão honita... e a fama tambem...

8.^o—Terminando: que pode s. ex.^a continuar a proclamar aos quatro nomes a nossa ignorancia, que lá dizia um sabio da antiguidade:—«quanto mais sei, mais sei que não sei nada.» Continuaremos.

CONTRASTE

Vamos, antes de tudo, fazer uma observação, que, para nós e para o publico em geral, tem certa importancia:—Não somos nem bacharel formado, nem litterato, nem artista, nem estudante de curso superior, nem estudante de primeiras letras. Ouviram? Perceberam? Não somos nada d'isso. Somos tão somente a «Lagrima», e apresentamos, se necessario for, um attestado de bom comportamento.

O nosso collega a «Folha da Manhã» fez-nos umas referencias no seu n.^o 9 do corrente a respeito do theatro que em Barcellos se mandou fazer. A «Lagrima», que é, como vocês sabem, um periodico essencialmente jocoso e alegre, tratou o assumpto a sério, mostrou n'um lance de vista, meramente intuitivo, mas particularmente eritico, que o edificio destinado para theatro é apenas uma coisa que, architectonicamente, não parece attingar bem o fim para que é destinado, e, hygienicamente, uma asneira. A «Folha da Manhã», então, alçaprema-se n'uma ingenua pretensão de fazer rir as gentes á custa não sabemos se da «Lagrima» se do theatro, se do sr. Lima, se de si propria. O papel não está ao caracter da sisedade e circumspecta «Folha. E' verdade que, de todos os animaes mais proximos da raça humana, o burro é o mais sisedo e circumspecto; mas cá nos parece a nós (pleonasmio, ó collega) que a seriedade do burro, não pode coartar, em são direito, a sisedez d'aquelles animaes cujo papel é rir. A «Lagrima», portanto,

tem o direito de criticar, a sério, o que diz respeito á critica.

Nóte que dizemos: *critica*; e por *critica* que-remos exprimir aquelle acto da faculdade intellectiva que, por meio da comparação formal, deduz a proporcionalidade, a justeza ou não justeza, entre objectos postos ao alcance da mesma faculdade. É mais vá notando o collega que é desnecessario, no fundo, para fazer critica, ser bacharel formado, ou mesmo saber ler. Um analfabeto, convidado por um doutor a ir tomar um café a um restaurante visinho de uma sentina, não carece saber chimica para sentir na pituitaria o cheiro da trampa, e não carece ter principios, litterarios ou outros, para preferir um copo de agua fresca, salubre e pura, longe d'aquelles aromas microbiferos. E note mais que a critica, emsi, é independente do tempo, como do espaço. O collega ha de perdoar, mas não tem uma noção exacta do que é *critica*. E, passando para o campo circumscripto do nosso ponto de vista particular, a critica tem feito sentir os seus effeitos, em Portugal como em toda a parte onde se progride, muito tempo depois da iniciação dos actos de que a mesma critica trata. O theatro de S. João, no Porto, soffreu depois de muitos annos modificações importantes para poder ser auetorisado a funcionar.

A sisuda «Folha» alcunha de *palavrosa* a nossa replica ao que ella havia escripto sobre o assumpto, e atagantada com o latego de uma indignação verdadeiramente girondina, convida nos para o rego, quer dizer, convida-nos a uma boa argumentação, que apresentemos as medições da planta, etc., etc... e depois, palavras por aquella columna abaixo.

Eu vou por aqui abaixo
Como um trolha descidado,
Como um verdadeiro trolha;
E n'isto...—mas que diacho!—
Sac-me uma «Folha» do lado...
—Mas que folha!—

Perdoar, ó amigo. Isto são ataques. Sempre fomos assim E' *palavrosa* a «Lagrima»! Coitadinha da «Lagrima»! E o que disse a «Folha» n'essa columna de prosa?

Esperem ali voces. A «Folha» disse isto—«Não fomos ver a planta e estudal-a como o collega queria (este collega é cá a «Lagrima») porque não estavamos em Barcellos nem temos a vaidade de podermos criticar aquillo que não sabemos... etc.» Olhem para isto:—«Nem temos a vaidade de podermos criticar...» (Entre parenthesis:—deixal-os fallal-os, que elles calarão se-hão). Se o collega *não pode* (provavelmente queria dizer *não quer*), então para que é essa indignação que se desentra-

na em coisas *palavrosas*—im, *palavrosas*?—O collega não apresenta uma ideia em favor do sr. Lima; nós apresentamol-as contra. E mal iria decerto aquelle sr., que nós respeitamol aliaz como homem, se apenas fosse defensavel pela *palavrosa*, sim, *palavrosa*, argumentação do articulista da «Folha».

O edificio destinado a theatro em Barcellos não está, repetimol-o, nas condições proprias de um funcionamento regular e seguro. Em caso de incendio, as portas estão dispostas para morrer tudo lá dentro; em caso normal de fermentação putrida ou transformação ammoniacal, as sentinas estão de geito a trazer-nos a mucosa dos cornétos a passo de carga. Isto pelo que diz respeito á segurança e hygiene. Quanto áquillo que nós chamariamos, como toda a gente, esthetica, então, ó amigo, callar a bocca. A esthetica é uma cousa que... não sei dizer-lhe:—uma grosa de homens sabe pronunciar-lhe o nome, meia-grosa sabe sentil-a. uma duzia sabe comprehendel-a, e ninguem sabe definil-a.

Agora, terminando:—o collega depois de ter fugido, contra as praxes, para o ridiculo, traz-nos, á guisa de quebra-nozes, um agradecimento pela cortezia da nossa resposta. É um panno quente. Quando Offenback vestiu a purpura dos bobechos aos reis| á elles faziam como o collega agora nos faz.

Isto é dos livros.



BARCELLOS

Editor: João Gonçalves da Silva

Typographia Barcellense

(A «Lagrima» é o periodico de maior circulação n'osta villa)